

AFROS & AMAZÔNICOS



DICÇÕES POÉTICAS AFRODIASPÓRICAS EM DUAS VOZES: DA LITERATURA DE ENGAJAMENTO À LITERATURA DA ERRÂNCIA

*Afrodiasporic Poetic Expressions in Two Voices: From Engaged Literature to
Literature of Errancy*

Lucas Neiva da Silva*

Resumo: O objetivo deste ensaio reflexivo é lançar luz e possibilitar caminhos para pesquisas mais detalhadas sobre duas vertentes da literatura afrodiaspórica: o engajamento e a errância. Para isso, foram analisados os poemas *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo, e *Nomes*, de Derek Walcott. O primeiro apresenta um tom engajado, com uma linha discursiva contundente de denúncia social e representação de vozes coletivas, resgatando a memória ancestral e projetando um futuro de liberdade. Já o segundo é fragmentado, focado na subjetividade e na individualidade, destacando um sujeito errante que, embora pertença a dois mundos, não se fixa em lugar algum, vivendo em um estado permanente de reinvenção. Os conceitos de *Minorias Cognitivas* e *Enracinèrrance* corroboram as ideias discutidas, evidenciando a pluralidade de vozes e perspectivas que caracterizam a literatura afrodiaspórica como um espaço de resistência, ressignificação e transformação.

Palavras-chave: Literatura Afrodiaspórica; Minorias Cognitivas; Errância; Engajamento.

Dicções poéticas

Começamos esta exposição falando sobre *dicções poéticas*. Grosso modo, as dicções são *modos de dizer sobre o mundo*, ou seja, formas íntimas de expressão que carregam microrregras pessoais. Elas revelam as particularidades de nossas vivências, perspectivas e posicionamentos. No contexto literário, as *dicções poéticas* referem-se às construções estéticas do texto, seja na poesia ou na ficção, que materializam formas singulares de representar experiências sensíveis por meio da linguagem.

Dentre as dicções poéticas da literatura ocidental, é possível identificar dois grandes sistemas: os *sistemas literários dominantes* e os *sistemas dissonantes*. Os sistemas dominantes são aqueles cujas vozes refletem os valores canônicos, amplamente reconhecidos e perpetuados por uma tradição eurocêntrica. Eles tendem

a consolidar normas estéticas e culturais que, por muito tempo, determinaram o que era considerado valioso na literatura. Em contrapartida, os sistemas dissonantes englobam a produção literária de grupos historicamente marginalizados, como mulheres, povos originários e sujeitos da afrodiaspora. É sobre a poética destes últimos que nos debruçaremos.

Os autores afrodiaspóricos, entretanto, não se limitam a escrever sob um único viés literário, como muitas vezes o senso comum sugere. Embora as obras de engajamento social explícito, que abordam diretamente questões de injustiça, resistência e identidade racial, sejam frequentemente as mais reconhecidas, elas não representam a totalidade da produção literária desse grupo. A denominada *literatura de invenção* (aqui também chamada de *literatura da errância*), que se afasta das narrativas de denúncia para explorar temas mais subjetivos, imaginativos e experimentais, também ocupa um lugar fundamental na produção literária afrodiaspórica.

* Doutorando em Estudos Literários e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Bolsista CAPES.



Se, por um lado, a literatura de engajamento busca recuperar uma identidade africana perdida durante as dispersões (seja pelo tráfico forçado ou por outros tipos de deslocamentos), afirmando a África como lugar de origem, a literatura de invenção, por outro, estabelece o *não-lugar*. Ou seja, a errância é o mundo, pois os lares do sujeito flutuante são sempre temporários e movediços. Por isso, a imagem criada pela metáfora da deriva é tão recorrente em textos dessa natureza.

Nesse sentido, tal literatura é sempre contrária à visão nacionalista, já que esses autores afrodiaspóricos são indivíduos desenraizados e que, portanto, passam a viver num *entre-lugar* temporário. Para esses sujeitos, a escrita se torna o único terreno estável e possível de pertencimento. Dessa maneira, a errância por um mundo sem fronteiras definidas figura como eixo temático bastante explorado em obras dessa natureza, diferentemente do que acontece na literatura engajada, a qual normalmente tematiza a origem – a África – como lugar de reencontro com a identidade esfacelada.

O pragmatismo da literatura de engajamento em combater o racismo se manifesta na tentativa de reconstruir, no imaginário coletivo, uma visão idealizada da África, frequentemente moldada pelas perspectivas daqueles que vivem no exílio ou em diásporas. Essa reconstrução não é apenas uma forma de resistência cultural, mas também uma maneira de desafiar as narrativas hegemônicas que desumanizaram e marginalizaram povos africanos e suas culturas ao longo da história. Embora a literatura de engajamento tenha um caráter pedagógico claro, o seu objetivo é mais profundo e simbólico: reafirmar e resgatar os valores estéticos e culturais africanos que foram sistematicamente ocultados ou distorcidos pelo sistema colonizador.

Por outro lado, para além das questões urgentes relacionadas ao preconceito racial, sexual e de gênero, a literatura de invenção (ou da errância) recorre à proble-

matização de outras instâncias do humano, como a fragmentação do sujeito e as microangústias que permeiam a sua vida cotidiana, as quais, apesar de serem invisíveis, moldam profundamente a experiência subjetiva. O mundo flutuante e instável é então um catalisador de emoções para os sujeitos em estado de dispersão.

Nessa perspectiva, os temas sociais estão subalternizados à construção poética. Quer dizer, na literatura da errância, a temática social explícita é secundária no processo estético-criativo. Porém, ao libertar o imaginário através de imagens literárias que fogem ao real convencional, essa escrita aponta para domínios do humano que o sistema não pode prever, colocando-o, dessa maneira, em questionamento.

Outra diferença possível de ser apontada entre esses dois modos de fazer literatura diz respeito à dicotomia *imaginário e realidade*. A literatura de engajamento, em função do seu caráter combativo, tende a ser clara, operando predominantemente no campo do real, pois, ao lançar luz sobre os fatos, ela busca reivindicar um passado interrompido pelo tráfico forçado, exigindo, assim, reparação. Para isso, os fenômenos narrados, descritos ou poetizados precisam estar uniformemente iluminados para o propósito a que se destina. Em contrapartida, na literatura afrodiaspórica de invenção, os autores constroem mundos literários cujas regras são outras, possibilitando um jogo entre o revelar e o encobrir, sem necessariamente trazer tudo à luz. Desse modo, a identidade híbrida do sujeito desterrado é refletida nas obscuridades, nas lacunas e nas formas fragmentárias presentes nessa poética.

Por fim, é importante mencionar também a imagem literária do *mar* nas duas abordagens poéticas. Na literatura engajada, o mar é o local de reencontro com a identidade. O mesmo mar que trouxe os africanos para o exílio também os levará de volta ao lugar de origem, que, como mencionado, é um território um tanto idílico. Para a literatura da errância, no entan-



to, o mar é uma sombra indefinida, representando o sujeito partido, sem lugar de origem.

Enracinèrrance e minorias cognitivas

Antes de prosseguir com a análise dos poemas, é essencial esclarecer dois conceitos que aparecem direta e indiretamente ao longo deste ensaio, a saber: *enracinèrrance* e *minorias cognitivas*. A compreensão desses termos faz-se necessária, pois eles servem como base teórica e interpretativa para a leitura dos textos em questão.

A migração e os deslocamentos produzem imagens metafóricas que são amplamente exploradas pelos poetas da diáspora. Esses processos de desenraizamento, todavia, são profundamente dolorosos e traumáticos e, na maioria das vezes, não são superados, deixando no sujeito a sensação de não pertencer a lugar algum. Como observa Salman Rushdie (apud PIÑERO, 2016, p. 217), “migrar é perder a língua e a casa, ser rejeitado por outros, tornar-se invisível, ou, ainda pior, um alvo.” A experiência migratória, então, não é apenas uma jornada física, mas também um processo de desintegração identitária. É a perda de um passado que não pode ser recuperado e o confronto com um presente que nega a inclusão. Assim, a poética da diáspora expõe as feridas do deslocamento e a luta contínua por identidade em um mundo movediço, seja na forma de literatura engajada ou de literatura de invenção/errância.

Nessa esteira de pensamento, o escritor haitiano Jean-Claude Charles (2002) utiliza o neologismo *enracinèrrance* (fusão dos termos “errância” e “enraizar”) para definir o lugar provisório e os processos de mobilidade em que os desterrados se encontram. Segundo Godet (2010), “esse termo expressaria a abertura ao outro e ao *alhures* (*ailleurs* em francês), mas partindo de si mesmo e retornando a si” (GODET, 2010, p. 194). Assim, a literatura da errância emerge nesse contexto de nostalgia, metamorfose e in-

certezas. Consequentemente, esse sujeito autor “cria ficções, não cidades ou vilas de verdade, mas outras invisíveis, pátrias imaginárias” (SALMAN RUSHDIE, apud PIÑERO, 2016, p. 217).

Já o conceito de *minorias cognitivas*, proposto por Peter Berger na obra *Rumor de Anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural* (1996), refere-se àqueles grupos que, ao longo da história, tiveram suas formas de conhecimento e visão de mundo marginalizadas e subjugadas pelos discursos hegemônicos. Ainda de acordo com o pensador, as minorias cognitivas são comunidades ou indivíduos que conseguem sustentar crenças baseadas em princípios divergentes dos dominantes, ou seja, são capazes de lidar com a dissonância cognitiva.

Assim, por apresentarem uma visão de mundo que diverge significativamente da perspectiva predominante na sociedade ocidental, as minorias cognitivas enfrentam uma série de desconfortos, tensões e descentramentos. Esses desafios não se manifestam apenas através de formas explícitas de repressão ou intolerância, mas também na forma de microviolências, as quais se evidenciam quando as concepções e verdades dessas minorias são invalidadas, deslegitimadas ou ignoradas pelo discurso dominante. Isso gera um processo doloroso de subalternização.

É importante ressaltar também que as minorias cognitivas não são definidas pela quantidade de indivíduos que as compõem, mas pela forma como são representadas e reconhecidas nos espaços de poder. Isso significa que o termo “minoria” não se refere a uma questão de números, mas de influência e presença nos discursos hegemônicos. Em algumas situações, esses grupos podem até mesmo ser numericamente superiores aos grupos dominantes. No entanto, o que caracteriza sua condição de “minoria” é o fato de que suas perspectivas, crenças e visões de mundo não influenciam a ordenação do pensamento social e político dominante.



A estética da invenção: do real para o imaginário

Feitas as devidas explicações, passemos então à análise do primeiro poema, cujo título é *Nomes*. O autor é Derek Walcott (1930–2017), poeta e dramaturgo caribenhos, originário de Santa Lúcia, uma ilha na região das Antilhas. Ele é reconhecido como uma das vozes mais importantes da literatura da afrodíaspóra e pós-colonial. Assim como muitos autores afrodiaspóricos, Walcott tematizou o exílio, a errância e a busca de um “lar” em suas obras, retratando a fragmentação da identidade resultante do colonialismo. Além disso, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1992. Eis o poema:

NOMES
(para Edward Brathwaite)

I
Minha estirpe começou como o mar,
sem nomes, sem horizonte,
com seixos debaixo de minha língua
e uma outra leitura das estrelas.

Agora, eis minha estirpe
nos olhos tristes do Levantino,
nas bandeiras dos campos indianos.

Comecei sem memória,
comecei sem futuro,
procurei pelo momento
em que a mente se perdesse no horizonte.

Nunca encontrei o momento
em que a mente se perdesse no horizonte –
para o ourives de Benares,
para o lapidador de Cantão,
o horizonte mergulha, como linha
de pesca, na memória.

Teremos nos dissolvido num espelho
largando nossas almas para trás?
O ourives de Benares,
o lapidador de Cantão,
o ferreiro de Benin.

Uma águia-marinha grita da rocha,
minha estirpe começou como a águia
e seu grito,
as terríveis vogais
E – U!

O céu se dobrou atrás de nós
como a história se dobra sobre a linha de pesca,

e a espuma, dobrando-se, executou a penhora:
sem nada em nossas mãos

senão este graveto
a traçar nossos nomes na areia
que o mar torna a apagar, para nossa indiferença.
(WALCOTT, p. 35, 1986)¹

O poema é dedicado ao poeta e historiador caribenho Edward Brathwaite, e dele emergem temas como identidade, herança cultural e a busca de pertencimento em um contexto pós-colonial, conforme mencionado. Entretanto, esses temas estão subalternos à imagem poética suscitada pelo texto, haja vista que a subjetividade e a inexatidão são características que primeiramente se destacam. Portanto, trata-se do que chamamos ao longo deste ensaio de *literatura da errância*.

Ainda no título, o poema evoca de maneira significativa a ideia de identidade, uma vez que o nome é a base primária da identidade de um indivíduo. Assim, a escolha lexical do substantivo “nome” usado no plural sugere uma pluralidade de identidades, como se houvesse um nome para cada “eu” do sujeito desenraizado.

No primeiro verso da primeira estrofe, deparamo-nos com a metáfora do mar: “Minha estirpe começou como o mar”. Exemplificando o que foi dito anteriormente, a imagem do mar é bastante recorrente na literatura afrodiaspórica. Aqui, para o eu lírico, o mar – lugar de concentração e dispersão – é como a sua origem, quer dizer, a indefinição é a sua pátria. A ausência de um “horizonte” pode ser lida como uma existência sem direção clara, e os “seixos debaixo de minha língua”, como o peso das palavras que não podem ser ditas, ou silenciadas, o que leva a “outra leitura das estrelas”, ou seja, o sujeito é impulsionado a uma perspectiva diferente sobre o mundo.

Na segunda estrofe, a identidade errante do sujeito lírico é confirmada no

1. Poema traduzido por Alberto Pucheu e publicado no site Escamandro: <https://escamandro.wordpress.com/2016/09/14/derek-walcott-por-alberto-pucheu/>.



verso: “nos olhos tristes do Levantino”. A palavra *Levantino* aqui pode sugerir uma condição de viajante errante, normalmente associada aos deslocamentos que acontecem na região do Mediterrâneo. Assim, há uma conexão entre a identidade caribenha e uma diáspora mais ampla que inclui o Oriente Médio, a Índia e outras culturas. Por isso, as fronteiras são desfeitas, e a ideia de nacionalismo é rompida por uma geografia global.

Para esse sujeito lírico – na terceira estrofe –, a angústia de um começo desprovido de memória, ou seja, sem uma origem definida, e a incerteza quanto ao futuro o levam a buscar o momento (presente) “em que a mente se perdesse no horizonte”, sugerindo um desejo de transcendência. No entanto, esse presente também não lhe traz as respostas necessárias para entender seu (des)enraizamento.

Além disso, a metáfora do espelho, na quinta estrofe, também reforça o reconhecimento da estranheza do eu poético frente a uma imagem fragmentada da sua existência. Esse afastamento de si constituiu-se outro modo de pensar a afrodiaspora, já que as menções ao “ourives de Benares”, “lapidador de Cantão” e “ferreiro de Benin” reforçam a ideia de uma identidade multicultural em dispersão.

Na literatura da errância, o coletivo fica em plano secundário em detrimento à subjetividade do sujeito lírico. Dessa forma, no poema em questão, a origem não é a coletividade, mas, sim, o próprio eu, como se pode verificar nos versos: “Uma águia-marinha grita da rocha, / minha estirpe começou como a águia / e seu grito, / as terríveis vogais / E – U!”

Por fim, uma outra construção metafórica deve ser observada com atenção, a saber: a linha de pesca, sobre a qual a história se dobra, sugerindo uma circularidade inevitável. Assim, não há uma linearidade, uma vez que as frestas da história se quebram, e, diante disso, constata-se que não há uma origem a não ser o mar. No final do poema, essa mesma figura do mar

é retomada, mas como uma esponja que apaga os nomes grafados sobre a areia. A indiferença do eu-lírico parece sugerir uma aceitação quanto à transitoriedade do sujeito afrodiaspórico, cuja identidade é sempre em fluxo, como as ondas, em vai e vem constantes.

A literatura de afrodiaspórica engajada: um grito coletivo

Seguindo com a análise, o poema escolhido para exemplificar a literatura afrodiaspórica de engajamento foi “*Vozes-mulheres*”, pertencente ao livro *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2008), de Conceição Evaristo. Como uma escrita de resistência, a autora, através de uma série de vozes femininas, constrói uma poética que visa resgatar histórias silenciadas, traumas e lutas, oferecendo uma reflexão sobre a ancestralidade e a continuidade da resistência das mulheres negras. Eis o poema:

VOZES-MULHERES

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância



O eco da vida-liberdade
(EVARISTO, 2008, p. 10)

A primeira coisa a ser destacada no poema é o tom de engajamento e denúncia social, projetado logo na primeira estrofe pela percepção do fato histórico, especificamente o tráfico forçado de africanos e a colonização. A utilização de uma linhagem ancestral bem definida, a qual conecta gerações de mulheres negras, constrói uma linha temporal que atravessa o passado, o presente e o futuro. Essa linearidade não apenas resgata as experiências traumáticas pregressas, como também aponta para um futuro de liberdade. Aqui é possível apontar para uma dessemelhança entre os dois textos, uma vez que o de Derek Walcott quebra a linearidade temporal, evidenciando uma história fragmentada.

Além disso, outra diferença substancial entre o poema de Derek Walcott e o de Conceição Evaristo diz respeito à problemática da gênese. Enquanto o eu-lírico do primeiro não reconhece sua origem para além da condição flutuante que o mar lhe impõe, nem tem esperanças de um futuro certo, o eu-poético do segundo poema tem plena consciência de sua origem escravizada e acredita na certeza de um futuro de liberdade, pois a cada geração o grau de consciência sobre a condição subalterнизada vai aumentando, o que fortalece a esperança de emancipação.

Assim, a memória da ancestralidade em “Vozes-mulheres” atua como um fio condutor que idealiza o projeto de libertação. Por isso, o poema apresenta uma linguagem próxima à crônica e um tom propositalmente didático, sem obscuridades ou ambiguidades. A memória que retoma a origem é a mesma que instiga a seguir em frente. Aspectos linguísticos reforçam essa memória ancestral, como o emprego do possessivo “minha” em “minha bisavó, minha avó, minha mãe”, o que define uma linhagem de pertencimento. Nesse sentido, o poema de Derek Walcott se diferencia, já que nele o eu-lírico afirma “comecei sem memória”, ou seja, sem descendência.

Outro aspecto da literatura de engajamento presente no texto de Conceição Evaristo é a representação da coletividade. O ideal coletivo de um grupo marginalizado ganha voz, transformando-se em um grito altissonante que ecoa através das gerações. Dessa forma, deparamo-nos não apenas com o relato do desenraizamento forçado de um povo, mas com a experiência coletiva de um deslocamento histórico que transcende a história de uma única família. Aqui, não é apenas o “eu” que fala, mas o “nós” que prevalece. Em contrapartida, no poema da errância de Derek Walcott, a subjetividade e a individualidade sobressaem. Dessa forma, o sujeito lírico do poema de Walcott encontra sua estirpe no “eu” e, além disso, vive num permanente estado de reinvenção.

Por fim, é válido ressaltar que a abordagem poética de Conceição Evaristo flerta com o real, embora não tenha a pretensão de ser totalmente referencial. O reconhecimento desse real exige uma postura de denúncia. Por outro lado, Derek Walcott flerta com o imaginário, uma vez que a resistência no “entre-lugar” também requer uma certa dose de utopia.

Considerações finais

À guisa de conclusão, como foi discutido ao longo deste ensaio, a literatura afrodiaspórica se insere no âmbito das *minorias cognitivas*, conforme proposto por Peter Berger. Essa literatura, marcada por uma pluralidade de vozes e perspectivas, pode ser pensada a partir de duas categorias principais: a *literatura de engajamento* e a *literatura da errância/invenção*. Ambas, embora distintas em suas abordagens estéticas e temáticas, compartilham o propósito de ressignificar as experiências dos sujeitos afrodiaspóricos, confrontando as narrativas hegemônicas e reivindicando espaços de existência e expressão.

A *literatura de engajamento*, exemplificada pelo poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo, caracteriza-se por seu caráter combativo e pedagógico. Ela se propõe a denunciar as injustiças sociais e



os dilemas coletivos, abordando macroproblemas como o racismo, a escravidão e a marginalização histórica dos povos africanos e seus descendentes. Através de uma linguagem clara e direta, essa vertente literária busca resgatar a memória ancestral, fortalecer a identidade coletiva e projetar um futuro de liberdade e emancipação. Em “*Vozes-mulheres*”, por exemplo, a autora constrói uma narrativa que atravessa gerações, conectando o passado de opressão ao presente de resistência e ao futuro de esperança. A coletividade é central nessa poética, que transforma o grito individual em um eco altissonante de toda uma comunidade.

Por outro lado, a *literatura da errância/invenção*, representada pelo poema “*Nomes*”, de Derek Walcott, volta-se para o aspecto psicológico e subjetivo dos sujeitos afrodiaspóricos. Nessa abordagem, os temas sociais são subalternizados em favor de uma exploração profunda das microangústias, das incertezas e das experiências individuais. A poética da errância, ou *enracinerrance*, como propõe Jean-Claude Charles, reflete a condição de desenraizamento e mobilidade constante desses sujeitos, que vivem em um *entre-lugar* temporário e movediço. Em “*Nomes*”, o eu lírico não encontra uma origem definida, mas reconhece sua estirpe no mar, símbolo de dispersão e fragmentação. A linguagem é marcada pela subjetividade, pela imaginação e pela utopia, criando mundos literários que desafiam as convenções do real e questionam as noções fixas de identidade e pertencimento.

Embora distintas, essas duas vertentes da literatura afrodiaspórica não são excludentes, mas complementares. Enquanto a literatura de engajamento busca reafirmar a identidade coletiva e combater as estruturas de opressão, a literatura da errância/invenção explora as complexidades da subjetividade e da existência em um mundo deslocado. Ambas, no entanto, compartilham um compromisso com a resistência e a ressignificação das narrativas históricas e culturais. Através de suas po-

éticas, esses autores não apenas denunciam as violências do passado e do presente, mas também abrem caminhos para a construção de futuros possíveis, seja através da utopia coletiva ou da reinvenção individual.

Por fim, é importante ressaltar que a literatura afrodiaspórica, em suas múltiplas expressões, não se limita a um mero registro histórico ou social. Ela é, acima de tudo, uma forma de arte que desafia, questiona e transforma. Ao dar voz às minorias cognitivas, ela não apenas recupera histórias silenciadas, mas também redefine os limites da linguagem e da imaginação, oferecendo novas perspectivas sobre o humano e suas possibilidades. Nesse sentido, a literatura afrodiaspórica não é apenas um espelho da realidade, mas um farol que ilumina caminhos para a liberdade, a identidade e a existência plena.

Referências

BERGER, Peter L. **Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural**. Tradução de Waldemar Boff. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARLES, Jean-Claude. **Boutures**. Réflexions, vol. 1, nº 4, p. 37-41, 2002.

EVARISTO, Conceição. **Vozes-mulheres**. In: _____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. p. 10.

OLIVIERI-GODET, Rita. **Errância/migrância/migração**. In: BERND, Zilá (Org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 189-209.

PIÑERO, María Rita C. **Migração, migrância**. In: COSER, S. (Org.). **Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos**. Vitória: EDUFES, 2016. WALCOTT, Derek. **Collected Poems: 1948-1984**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1986.

PUCHÊU, Alberto. **Derek Walcott**. Escamandro, 2016. Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/2016/09/14/derek-walcott-por-alberto-pucheu>. Acesso em: 30 out. 2024.



-----//-----

Abstract: The aim of this reflective essay is to shed light on and open pathways for more detailed research on two facets of Afrodiasporic literature: engagement and errancy. To this end, the poems *Vozes-mulheres* by Conceição Evaristo and *Nomes* by Derek Walcott were analyzed. The first presents an engaged tone, with a powerful discursive line of social denunciation and representation of collective voices, reclaiming ancestral memory and projecting a future of freedom. The second, however, is fragmented, focused on subjectivity and individuality, highlighting a wandering subject who, although belonging to two worlds, is not fixed anywhere, living in a state of permanent reinvention. The concepts of *Cognitive Minorities* and *Enracinèrrance* support the ideas discussed, highlighting the plurality of voices and perspectives that characterize Afrodiasporic literature as a space of resistance, re-signification, and transformation.

Keywords: Afrodiasporic Literature; Cognitive Minorities; Errancy; Engagement.

Resumen: El objetivo de este ensayo reflexivo es arrojar luz y abrir caminos para investigaciones más detalladas sobre dos vertientes de la literatura afrodiaspórica: el compromiso y la errancia. Para ello, se analizaron los poemas *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo, y *Nomes*, de Derek Walcott. El primero presenta un tono comprometido, con una línea discursiva contundente de denuncia social y representación de voces colectivas, rescatando la memoria ancestral y proyectando un futuro de libertad. El segundo, en cambio, es fragmentado, centrado en la subjetividad y la individualidad, destacando un sujeto errante que, aunque pertenece a dos mundos, no se fija en ningún lugar, viviendo en un estado de reinención permanente. Los conceptos de *Minorías Cognitivas* y *Enracinèrrance* corroboran las ideas discutidas, evidenciando la pluralidad de voces y perspectivas que caracterizan a la literatura afrodiaspórica como un espacio de resistencia, resignificación y transformación.

Palabras clave: Literatura Afrodiaspórica; Minorías Cognitivas; Errancia; Compromiso.

Recebido em 7 de agosto de 2024.

Aceito em 15 de novembro de 2024.